

As Filhas e Filhos Excluídos

Pe. Juventino Kesting
Professor de Teologia Pastoral

O DESAFIO

“**E**u estava com fome, e vocês me deram de comer... Eu estava com fome, e vocês não me deram de comer...” “Quando foi, Senhor?” “Todas as vezes que vocês fizeram - ou não fizeram... era Eu!”

Este texto bíblico, de Mateus 25,31-46, é chave para a ação pastoral da Igreja junto aos excluídos. Talvez seja a citação mais real e concreta das Escrituras. Jesus identifica-se com os irmãos sofredores. “Eu estava... era Eu!” Na medida em que os excluídos são acolhidos ou rejeitados, acontece a acolhida ou a rejeição de Jesus Cristo.

A atuação pastoral da Igreja, no decorrer destes dois mil anos de cristianismo, caracteriza-se como presença e identificação com os sofredores. Os escritos dos Santos Padres, a literatura cristã, os pronunciamentos oficiais, a atuação das Congregações religiosas nos seus diversos carismas, a caridade concreta de milhões de cristãos, são o testemunho mais eloquente do amor e da preocupação que o cristianismo dedica aos necessitados, aos pobres, anciãos, menores, assilados, mutilados, enfim, todos os sofredores.

Foi nas últimas décadas que a atuação pastoral da Igreja empenhou-se mais decisivamente como uma Igreja comprometida com a vida concreta das pessoas, especialmente com as multidões de pobres, famintos e miseráveis que se elevam a muitos milhões espalhados pelo mundo.

A Igreja Católica no Brasil adiantou-se neste gesto profético, não só como “vez e voz dos que não têm vez e voz” (1), mas também através de uma série de documentos e pronunciamentos conclamando os cristãos para uma atuação mais decisiva frente à realidade social.

VATICANO II - UM NOVO ESPÍRITO

O sinal mais evidente da atuação eclesial profética e transformadora da Igreja no Brasil acontece através da Campanha da Fraternidade. À luz da *Gáudium et Spes* e da caminhada da América Latina, a Igreja assume profeticamente a “denúncia do pecado pessoal e social e a promoção da justiça para criar fraternidade” (2). Temas de ponta como: “libertação, pão, trabalho, ecologia, saúde, violência, fome, menor, terra, negro, mulher”, citando alguns, formam um leque de situações desafiadoras que interpelam, à luz do Evangelho, o agir cristão no mundo.

No próximo ano, com o tema dos “excluídos”, a Igreja convoca todos os cristãos para uma profunda revisão da qualidade da fé e do grau de comprometimento com os irmãos e irmãs que, conforme estatísticas, só no Brasil formam um exército de mais de **32 milhões**, sem contar os

subempregados, os aposentados, os empregados mal-assalariados e tantas outras categorias que não estão na lista dos excluídos, mas que somam no grande rol dos pobres nos cinturões das metrópoles, das cidades e do campo. Estes formam um verdadeiro caldeirão que grita e clama por mais vida, pão e dignidade. Diante deste desafio, a Igreja, na sua atuação pastoral, não pode ser surda nem omissa. “Eu estava com fome, e vocês...”

Sem esgotar a amplitude do tema, e não abordando todas as implicações pastorais, este artigo quer ser um indicativo e uma colaboração para que a atuação pastoral da Igreja volte seu olhar, numa atitude de acolhida e de conversão, para as multidões “tristes e abatidas como ovelhas sem pastor” (cf Mc 6,34). “O contingente de excluídos torna-se progressivamente um fenômeno de peso que desafia a ação pastoral da Igreja” (3).

A REALIDADE CANTADA

O cancionário religioso, que brota da experiência das comunidades eclesiais, das romarias, das caminhadas de conscientização ou de protesto, da dor sofrida do povo, tem descrito a realidade com dureza, como o suspiro da alma que se defronta no dia-a-dia com a morte, a fome, o desespero, a mutilação, a exclusão. A crise econômica, social e política, vivida pela sociedade brasileira, faz emergir uma série de desabafos, e também de sonhos.

É impressionante como a alma cantante do povo brasileiro descobre, no rosto do sofrido, o rosto de Jesus: “Seu nome é Jesus Cristo e passa fome, e grita pela boca dos famintos. Seu nome é Jesus Cristo e é analfabeto, está doente, anda sedento, é maltrapilho... entre nós está e não o conhecemos, entre nós está e nós o desprezamos!” A consciência da miséria experimentada no campo é expressa numa denúncia: “As famílias que eram donas, hoje vivem no abandono, sem suas terras, sem o chão”. O arrocho salarial tem machucado grande parcela da população. Sem qualificação, sob a pressão do fantasma do desemprego, com um dos salários mais baixos do mundo, o operariado brasileiro canta esta realidade: “Com este salário de fome, não dá pra ninguém passar; meio-dia só merenda, à noite fico sem jantar”, ou ainda: “Sem água, sem pão, sem dinheiro, é um desespero pra sobreviver. O pobre, com sua família, luta todo dia, vive a padecer.”

Mas a situação de exclusão não tira do coração do povo um sonho. Sonho latino. Sonho de liberdade. Sonho de vida: “Talvez a liberdade chegue tarde demais, e tantos inocentes morram cedo demais. Milhões de homens pobres, porque poucos têm demais, somos um supermercado para as multinacionais!” Entretanto, à luz da fé, por vezes simples, mas profundamente consciente e comprometida, o mundo dos excluídos ainda tem força para cantar. Canto de esperança. Canto de convite. Canto de fraternidade:

"Desempregados, pescadores, desprezados e marginalizados, venham todos se ajuntar. A mulher, de noite e dia, luta e faz nascer o amor. Os índios que ainda existem, as tribos que resistem, nosso canto vai encher o país, velho vai dançar feliz, quem chorou vai ter que rir!"

O sofrimento dos excluídos toma força de louvação e de oferenda: *"Ofertamos, ó Senhor, os sofrimentos, dos pequenos e dos pobres, teus amados, dos que lutam à procura de trabalho, das crianças e anciãos abandonados"*. Para a comunidade dos sofridos, reunida em oração, as preces, o louvor, a oferta, não se manifestam de forma racional, mas como algo vivido e experimentado. É a oferta do cotidiano machucado e fragmentado: *"A dor, a alegria, a vida vazia de tantos irmãos, cansados, vencidos, também oprimidos, ofertas serão"*.

As mais duras realidades, na inspiração do cantador, o sentimento do povo as capta, como uma parábola, expressando uma Igreja encarnada e solidária com os pobres. São verdadeiros tratados de teologia, em versos poéticos, mas que se espalham pelas comunidades como um compromisso de vida: *"Viver! Sem terra, trabalho e comida, a vida não há, não há. Quem deixa e não age, a festa não vai celebrar"*. Enquanto *"a história desumana continua, se enfeita praça e rua, bota placa e dá-se o nome, e não se olha pra tanta gente doente, tanta criança inocente que hoje morre de fome!"*

HÁ TRISTEZA NO SEU CORAÇÃO

Os mais atingidos nesta ciranda de exclusão são, sem dúvida, as crianças. Sentem a miséria, o abandono, a exclusão, mas não entendem o porquê. *"Eu queria somente lembrar, que milhões de crianças sem lar, não partilham a mesma visão. Há tristeza no seu coração. Pelas esquinas e praças estão desleixadas e até maltrapilhas. Vivem à margem de nossa nação, tentam gritar a seu jeito infeliz, que o país as deixou na desgraça. Já não sabem a quem recorrer. Menores abandonados, alguém os abandonou: pequenos e mal amados, o progresso não os adotou"*. E a exclusão tem um nome: "Fome". *"Por lhe faltar a comida, eu já vi mais de um irmão desiduido da vida, vejo metade dos homens morrendo de fome, sem Deus e sem lar"*. E por isso as comunidades cantam: *"Quero ver no meu irmão a imagem Dele, meu irmão, que até nem tem o necessário pra ter paz. Quero ser pro meu irmão a resposta Dele, eu que vivo mais feliz e às vezes tenho até demais"*.

O grande fato pastoral se manifesta na esperança, na utopia que perpassa o coração da gente sofrida. Apesar do "exílio", da experiência de "resto de Israel", a esperança é sonhada. Sonho acordado. Sonho comunitário. Sonho que reanima a caminhada. *"Acorda, América, chegou a hora de levantar. O sangue dos mártires fez a semente se espalhar!"* *"Quando o dia da paz renascer, quando o sol da esperança brilhar, quando as cercas caírem no chão, quando as mesas se encherem de pão, quando as armas da destruição, destruídas em cada nação, quando o povo nas ruas sorrir, eu vou cantar... Vai ser tão bonito, no olhar do homem, a certeza do irmão!"* E isto porque *"ninguém pode prender um sonho, e impedir alguém de sonhar. Ninguém pode cortar a esperança de um povo sofrido a lutar... para ver este mundo florindo, criança sorrindo sem fome, sem dor. Ninguém pode prender um sonho!"*

A OUTRA FACE

Nos últimos anos, os MCS têm explorado com mais intensidade o drama dos excluídos em todo o mundo. Diariamente chegam em nossos lares cenas degradantes da miséria humana, da fome, dos conflitos raciais, do genocídio, do extermínio de menores, das filas dos indigentes e do grito de povos que clamam por mais vida. "Um bilhão de pessoas, isto é, uma quinta parte do gênero humano, não têm uma casa digna. Cem milhões encontram-se literalmente sem teto. Estima-se em vinte milhões o número das crianças que na América Latina vivem na pobreza. Em 1986, mais de 600 milhões de pessoas, 45 por cento da população urbana, viviam nas periferias miseráveis das grandes cidades modernas, nas favelas e casebres" (4). No Brasil não é diferente. Pelo contrário, estatísticas situam o país dentro dos mais contrastantes do mundo! Segundo o sociólogo Hélio JAGUARIBE, "o contingente dos 60% mais pobres da população brasileira detém 16,4% da renda nacional, os 20% mais ricos acumulam quase 70% do total. Isto faz com que o índice de desigualdade social seja mais gritante que em países bem mais pobres, como o Bangladesh. Chegamos ao final da década de 80 com 15% das famílias com um rendimento per capita de até 1/4 do salário mínimo e 35% das famílias com um rendimento per capita de até 1/2 salário mínimo. Ou seja: 41% dos brasileiros, 53 milhões de pessoas, recebem até 1/2 salário mínimo" (5).

OS FATOS FALAM

Esta realidade se traduz diariamente nos noticiosos, nos boletins econômicos e desafia a atuação pastoral da Igreja: "Chacina deixa 7 meninos mortos no Rio" (*Folha de São Paulo*, 24-7-1993). "Cresce mortalidade infantil no país: A taxa de mortalidade infantil cresceu cerca de 20% no primeiro trimestre em relação a igual período de 93. No Nordeste, o crescimento da mortalidade chega a 30%" (FSP, 10-6-1994). "Nordeste tem 20% das crianças desnutridas: a desnutrição crônica atinge 20 a 23% das crianças em idade escolar, principalmente na faixa de 6 a 9 anos. A fome é a principal causa" (FSP, 22-7-1992).

"Crianças de 4 anos são boias-frias no Paraná: a fome e o desemprego estão obrigando meninos e meninas de 4 anos de idade a trabalhar mais de dez horas por dia como boias-frias na colheita do algodão... Trabalham evidentemente sem seguro e sem garantias trabalhistas e vivem pendurados nas carrocerias abertas dos caminhões... São mais de 4.000 crianças obrigadas a trabalhar desde os 4 anos de idade para aumentar o rendimento familiar" (*Folha de São Paulo*, 28-2-1993).

"Vale do Jequitinhonha vive miséria somali: As mulheres do vale do Jequitinhonha demonstram amargura e sentimento de culpa por darem pinga para aliviar sofrimento de seus filhos. 'A gente faz isso com muita dor no peito. A gente morre de pena de ver os filhos chorando e sem conseguir dormir. Se tivesse leite, a gente dava, mas como não tem, então a gente dá pinga...'" (FSP, 25-4-1993). "Fome mata 1 milhão de crianças na América Latina por causa da miséria. Os dados ainda revelam que cerca de 156 milhões de pessoas, no terceiro mundo, não contam com serviços básicos de saneamento" (FSP, 8-6-1993). "A desnutrição crônica é um

problema que atinge 790 milhões de pessoas nos países em desenvolvimento, entre os quais, 190 milhões de crianças" (*Diário Catarinense*, 28-12-1993).

"Dois brasis se misturam na rua. O país é rico, mas o povo, pobre. País de 150 milhões de habitantes, dos quais, **32 milhões de indigentes** - uma população equivalente à da Argentina e cuja renda não permite o acesso a uma quantidade de alimentos adequada às exigências nutricionais mínimas. O banquete da miséria é uma dieta a pão e água, que está deixando seqüelas fortes na infância brasileira" (*DC*, 6-2-1994). *A Folha de São Paulo*, de 26 e 31-6-1994, publicou dois cadernos intitulados: "*Brasil 95 - crise social*" e "*Miséria, como e quem vai pagar a dívida social?*" e ainda: "*Campeão mundial de analfabetismo*". Estes dados significam que "o Brasil tem um multidão de pessoas não consumidoras que vão formando um cinturão em volta do mercado, às margens do mercado, olhando para dentro, desejando entrar e sendo barradas por falta do passaporte necessário: dinheiro. No projeto neo-liberal, a vida não é possível fora do mercado" (6). Estas manchetes são um pequeno demonstrativo da gravidade da realidade social que não pode ficar alheia às reflexões pastorais e às práticas conseqüentes.

O GRITO CATARINENSE

Com a manchete "*A miséria absoluta também mora aqui*", o "*Jornal de Santa Catarina*", edição de 24-4-1994, num artigo de Anete Poll, afirma: "A miséria tem nome, rosto e endereço... Por detrás da Blumenau turística, com ares de reduto alemão, há bolsões de miséria só compatíveis com as áreas mais pobres da Ásia ou da própria América do Sul. O rosto feio e sofrido da fome de aproximadamente 25 mil pessoas, concentradas em 27 núcleos de pobreza, impressiona. São quase 5 mil famílias sem condições mínimas de sobrevivência!" "Com base em dados do IBGE, o Conselho Estadual da Criança e do Adolescente calcula que existem, em Santa Catarina, cerca de 1,2 milhão de pessoas que ganham 1 ou menos de 1 salário mínimo por mês. Nesta realidade, 300 crianças não possuem lar, 70 das quais podem ser encontradas na Grande Florianópolis" (*Diário Catarinense*, 27-7-1993).

Segundo dados do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), em Santa Catarina, Estado apontado como modelo de desenvolvimento, havia, em 1990, cerca de 963 mil indigentes, ou seja, 21% da população tem condições para comprar apenas uma cesta básica por mês. Não sobra dinheiro para transporte, educação, roupa, lazer, saúde... O que recebem só dá para se manterem vivos (cf, 27-7-1994). É a face de "dois Brasis que se misturam" nas ruas, nas construções, na educação, na saúde. Tudo é contrastante. Por todos os lados crescem as creches, as entidades sociais, as escolas que perdem a sua finalidade primeira de educação integral, para se dedicarem ao programa emergencial de matar a fome das crianças. Esta realidade estende-se nas periferias, nos acampamentos, nas favelas, nas ocupações onde residem milhares de famílias que são vítimas do modelo brasileiro concentrador de riquezas nas mãos de poucos, pois no Brasil o objetivo do desenvolvimento não tem sido o de repartir os benefícios entre a população.

O mapa da fome em Santa Catarina apresenta números alarmantes. "Com 9.527 famílias (42.871 pessoas) cataloga-

das no boletim da miséria do IPEA, Lages, que tem 151 mil habitantes, ostenta o triste título de campeã do ranking da miséria. Em segundo lugar está Joinville, o maior conglomerado urbano de Santa Catarina, com 346.331 habitantes e 8.526 famílias miseráveis (37.156 pessoas). Florianópolis é a terceira da lista. Dos 254.941 habitantes, 35.257 são indigentes. Ao todo, 21 municípios catarinenses abrigam mais de 90 mil famílias miseráveis" (*Diário Catarinense*, 13-6-1993).

Estes dados revelam apenas uma tênue imagem da face da miséria em Santa Catarina. Eles formam o caldeirão das massas excluídas de famintos, sem escola, sem amparo nem saúde, sem uma casa digna, perambulando no campo e nas cidades em meio a toda sorte de abandono, enfim, caindo nas periferias mais abandonadas pelas administrações públicas e, também, pela atuação pastoral da Igreja.

ERAS TU, SENHOR?

Com esta interpelação, a Igreja lança neste ano a Campanha da Fraternidade. A ação pastoral da Igreja é profundamente interpelada por este questionamento. O ato pastoral é antes de tudo um ato de reconhecimento, no rosto de cada irmão, do rosto de Jesus Cristo. Sem esta ótica, a pastoral tende a se tornar, de um lado, uma intelectualidade organizada e planejada para um mundo abstrato e uma realidade irreal, ou se refugia num pietismo alienante e intimista onde a pessoa se isola no seu mundo, sem perceber que, ao lado, o irmão que sofre é o Cristo sofredor.

A prática da pastoral encarnada requer dos cristãos, e sobremaneira dos evangelizadores, uma profunda conversão. "*Cada um se converta dos seus maus caminhos e das maldades que costuma praticar*" (Jr 25,5). Esta perspectiva vale hoje para a Igreja toda, para todos os níveis de representatividade e para todas as pastorais. O primeiro passo configura-se na escuta, na solidariedade, na observação, na presença de qualidade junto aos empobrecidos. Os excluídos são o eixo interpelador da ação da Igreja. Isto não é uma novidade, pois a Bíblia em todas as suas páginas revela a face de um Deus que se faz misericórdia junto ao seu povo.

A INTERVENÇÃO AMOROSA DE DEUS

A experiência do povo de Israel é sentida através da intervenção bondosa de Deus que se compadece dos sofrimentos de seus filhos e filhas. A escravidão no Egito é o paradigma da realidade de um povo excluído. "*Impunham-lhes a mais dura servidão e amarguravam-lhes a vida com duros trabalhos na argamassa e na fabricação de tijolos, bem como com toda sorte de trabalhos nos campos e todas as tarefas que lhes impunham tiranicamente*" (Ex 1,14). Esta exclusão tornava-se mais cruel ainda entre as mulheres. Exclusão social e exclusão do próprio fruto de seu seio: "*Quando assistirdes às mulheres dos hebreus, e as virdes sobre o leito do parto, se for um menino, matá-lo-eis*" (Ex 1,16). Escravidão, exclusão, vida amargurada, sofrimento, dor e lágrimas. Mas o Deus da misericórdia não pode ver seus filhos e filhas nesse sofrimento. *Vê a aflição, ouve os clamores, conhece os sofrimentos, desce para libertar, convoca Moisés e age com mão poderosa para libertar seu povo da terra da exclusão e levá-los para a terra da inclusão, da vida, da partilha, da dignidade humana* (cf Ex 3,1ss).

"O cativo da Babilônia foi a maior crise da história do povo de Deus. Perdem tudo: terra, templo, liberdade... Foi a escuridão. Não havia mais anúncio que pudesse dar uma esperança ao povo. A antiga evangelização já não era capaz de interpretar os novos fatos" (7). Os excluídos, os exilados, diziam: "*Deus nos abandonou*" (Is 49,14). Mas, de fato, Deus não abandonara seu povo. Estava presente não só no povo de Israel, mas também no mundo ao redor, onde estavam ocorrendo mudanças profundas. Era preciso ter olhos, ouvidos, para perceber: "*Você viu muitas coisas e nada percebeu*" (Is 42,20).

Neste sentido, o profeta Jeremias alerta para a tentação das fáceis soluções: "*Eles enganam vocês, a visão que eles anunciam é fruto da imaginação e jamais saiu da boca de Javé*" (Jr 23,16-17). Diante das dificuldades pastorais atuais, o mundo moderno, em relação à massa dos excluídos, tem a tentação de recolher-se no próprio âmbito pessoal e fazer aquilo que é mais ameno, aquilo que satisfaz o cotidiano imediato, numa atitude individualista, de olhar para si, de resolver seus problemas pessoais, sem uma visão ampla de mudanças estruturais que propiciem e sinalizem uma luz de esperança para as multidões excluídas.

JESUS, A ENCARNAÇÃO DA MISERICÓRDIA

Jesus passou a maior parte do seu tempo "*fazendo o bem*" (cf At 10,38), sarando os doentes, expulsando os demônios, solidarizando-se com os pobres, anunciando o Reino através de sinais e gestos concretos, ajudando as massas a redescobrir o rosto de Deus, como o Deus dessas massas.

Ao dar a resposta aos mensageiros de João Batista, Jesus não expôs planos, linhas teológicas, mas ações concretas junto aos excluídos: "*Ide e contai a João o que ouvistes e visteis: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, o Evangelho é anunciado aos pobres*" (Mt 11,4-5). Jesus nos apresenta os critérios orientadores do compromisso com os necessitados: "*Quando você der uma festa, convide os pobres, aleijados, mancos e cegos. Então você será feliz! Porque eles não lhe podem retribuir*" (Lc 14,13-14).

Nesta mesma perspectiva, na parábola do grande banquete (Lc 14,15-24), os convidados, ou seja, os que usufruem dos benefícios da sociedade moderna e industrial, não quiseram acolher o convite. Para Jesus, o banquete era a convocação para uma reflexão conjunta, para uma conversão e conseqüente atuação frente às estruturas que oprimem as massas sobrantes. Mas eles não quiseram acolher o convite. Preferiram ficar no seu mundo pessoal, com os ouvidos fechados ao clamor dos pobres. Preferiram construir muros ao redor da casa, colocar guardas, fechaduras nas portas, ignorar deliberadamente os sofrimentos dos milhões de Lázarus (cf Lc 16,19-31), antes que refletir sobre as causas estruturais que geram a divisão de classes. Jesus propõe uma "nova diretriz pastoral", um "novo modelo pastoral": "*sair pelas praças e ruas e convidar os cegos, os aleijados, os pobres, os coxos, os excluídos...*" Agora, eles serão os protagonistas da evangelização.

Não basta ser "voz dos que não têm voz", ou "porta-voz do lamento e do grito do pobre", mas buscar uma nova ótica pastoral. Perceber e crer que os excluídos apresentam valores, ética, solidariedade, capacidade de organização. Se o

"lenho verde" não tem algo para dizer, o "ramo seco" tem... Aqui se situa o grande desafio pastoral de nossa ação eclesial. Deixar de falar para os outros, multiplicando reuniões, planejamentos e instâncias intermediárias, para fazer acontecer a pastoral lá onde está a vida, lá onde os aglomerados humanos sobrevivem.

Neste sentido caminha a parábola da ovelha perdida (Lc 15,3-7), hoje reinterpretada. Deixar uma ovelha já segura, no curral paroquial, e sair em busca das noventa e nove que abandonaram o curral, que estão doentes e machucadas pelo sistema político e econômico, e também pelas exigências rígidas das normas pastorais diocesanas e pelas práticas pastorais centralizadoras e excludentes.

As parábolas do Bom Samaritano (Lc 10,25-37) e do Pai Misericordioso (Lc 15,11-32) revelam o valor da acolhida e da realidade dos pobres. Esquecê-los, ignorá-los, é uma afronta a Deus. O Pai não está plenamente satisfeito pelo fato de o filho mais velho (integrado, socialmente bem, com casa, pão, segurança) estar junto dele. Seu olhar diário estava inquieto. Era o olhar do Pai em busca do filho excluído. Logo que percebeu um primeiro sinal de reintegração, o Pai se alegra, enquanto o filho mais velho se entristece. Este, aliás, encarna a atitude dos que olham para os excluídos como um peso pastoral e social, porque vão desestruturar a harmonia dos planejamentos pastorais.

Hoje a Igreja, além de "santa e pecadora", necessita ser "samaritana". A Igreja não pode seguir seu caminho sem acolher o excluído que grita: "Tem piedade de mim" (Mt 9,27). A ação pastoral necessita de gestos concretos: parar, colocar na montaria pastoral, cuidar e reintegrar na vida as multidões excluídas (cf Lc 10,33-35). Isto nos atesta o apóstolo Paulo, que diz: "*Deus não faz acepção de pessoas*" (Rm 2,11). Diante do Senhor, todos somos filhos e filhas. Na comunidade cristã, os seguidores de Jesus Cristo vivem a misericórdia entre seus membros quando a comunidade acolhe, perdoa, desculpa e acima de tudo "*não esquece os pobres*" (cf Gl 2,10). As Escrituras nos ensinam que aqueles que "*não têm um lugar onde reclinar a cabeça*" (cf Lc 9,52) são o critério básico do seguimento de Jesus Cristo e de toda a ação pastoral da Igreja.

A FACE INTERPELADORA

A Igreja na América Latina, a partir de Puebla, convoca os cristãos para "reconhecerem, no rosto sofredor de cada pessoa, o rosto de Cristo, o Senhor que nos questiona e interpela" (8). Recentemente, Santo Domingo ampliou a lista dos rostos dos excluídos: rostos desfigurados pela fome, rostos desiludidos por vãs promessas políticas não cumpridas, rostos humilhados dos que têm sua cultura desprezada, rostos estarecidos pela violência diária, rostos de menores abandonados, rostos de mulheres desrespeitadas e discriminadas, rostos de migrantes desiludidos, sem acolhida... (9). Este reconhecimento fez surgir nova prática pastoral na caminhada da Igreja em nosso continente e em nosso país.

As CEBs e as diversas pastorais sociais são uma expressão da pastoral voltada para um compromisso libertador, onde o pobre, o sofredor, o excluído, passam a ser **sujeito da ação pastoral**. Surgem dezenas de pastorais sociais que atingem o universo mais variado de situações onde a Igreja, fiel a Jesus Cristo, precisa ser presença anunciadora, denunciadora, defensora da vida e da dignidade humana. Pois "as

alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje... são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos do Senhor " (Gáudium et Spes 1.1).

A pastoral deixa de ser uma ação interna da Igreja enquanto comunidade de fé ou comunidade celebrativa, e assume o espírito da *Gáudium et Spes* encarnado na América Latina, explicitado em Medellín. Aí está a matriz da pastoral pós-conciliar: *"As situações históricas e as aspirações autenticamente humanas constituem parte indispensável da evangelização e da pastoral"* (10).

Para a Igreja, emerge o desafio de ser uma presença articulada e sistemática junto aos excluídos, pois muitas vezes os sobrantes sociais são também os excluídos da ação pastoral dos cristãos. Há, sem dúvida, centenas de iniciativas espalhadas pelo Brasil, mas que carecem de uma articulação maior, uma opção mais decidida e soluções mais abrangentes, para que a exclusão seja minimizada e os pobres possam sentir a presença e a solidariedade da Igreja.

Neste sentido, a pastoral desenvolve-se em duas vertentes. De um lado, projetos que possam atingir e modificar a macro-estrutura. Talvez seja a vertente mais complexa. A Igreja é desafiada para, através da sua ação pastoral, atingir o cerne das causas que produzem a exclusão. Passam por este caminho a constante leitura da realidade, a visão da organização da economia, da política, e dos grandes projetos que determinam o curso da história. Aqui apresenta-se uma das carências pastorais. A presença dos cristãos na sociedade e no mundo moderno, competitivo e excludente, ainda é tímida. Por vezes a reflexão pastoral, a elaboração de projetos, é defasada na linguagem, carece de visões mais profundas dos sistemas e das leis que regem a economia e a política. Por ser um campo difícil, porém, não deixa de ser menos importante. Passos neste sentido, entre nós, têm contribuído para a formação de um senso crítico frente aos modelos opressores.

As Semanas Sociais, a Ação da Cidadania contra a Fome e a Miséria e pela Vida, a luta pela Ética na Política e na Economia, as várias Assembleias Gerais do Episcopado brasileiro, a voz profética de tantos cristãos e outras iniciativas pastorais, são indicativos da preocupação da Igreja na transformação das macro-estruturas. Mas ainda há um longo caminho a percorrer.

De outro lado, a pastoral precisa penetrar profundamente no micro-dinamismo da sociedade. O cotidiano perceptível dos excluídos situa-se no âmbito das necessidades básicas sentidas no dia-a-dia. Surgem, assim, não só as dezenas de pastorais sociais nas suas múltiplas denominações e abrangências, mas urge uma ação pastoral mais próxima ao excluído. Ele é **o sujeito da ação pastoral**. Por isso os pobres, os marginalizados, os excluídos, precisam ser ouvidos, precisam sentir a presença da Igreja junto aos seus sofrimentos. Mais ainda, a Igreja precisa se encarnar nesta realidade.

ONDE OS PROTAGONISTAS SÃO OS EXCLUÍDOS

"Para que a Igreja possa prestar o seu serviço pastoral às 'massas sobrantes' é preciso construir uma metodologia própria, capaz de trabalhar com os excluídos. Uma metodologia que leve em consideração a cultura, a religião e a ética próprias de sua situação de marginalização" (11) Neste sentido, a dinâmica de um trabalho pastoral em nível de

massa com esses excluídos é distinto de uma pastoral em nível de comunidade.

"O rosto de Deus se torna visível nas massas excluídas". Por isso a pastoral, a partir das massas sobrantes, deve andar mais com os pés do que com a racionalidade no meio dos excluídos. Três elementos se fazem necessários para uma pastoral consistente, encarnada e libertadora, junto aos excluídos:

a) A realidade. Ela é determinante, é o chão. O conhecimento da realidade não só enquanto análise das macro-estruturas e das ideologias do sistema, mas da realidade enquanto cotidiano dos pobres, suas relações, sua ética, seus valores culturais, religiosos. Não se conhece esta realidade sem ter os pés no chão, sem uma leitura dos "sinais dos tempos" nos sinais locais situados num contexto histórico.

b) O discernimento das alternativas. A pastoral requer criatividade. Busca de alternativas. Os elementos sólidos da pastoral secular já não respondem aos desafios do mundo moderno, urbanizado e secularizado. O mundo está vivendo uma nova fase, onde a religião perdeu o seu papel globalizante e explicativo de todos os fatos. Diante dos fenômenos da modernidade, com prevalência da subjetividade, da liberdade e da ética privatizada, a pastoral há de buscar novas alternativas de linguagem, de símbolos, de relações, de articulações. Há de oferecer condições para que os excluídos possam, a partir da sua realidade, fazer uma "experiência salvífica". Disto decorre o surgimento de um novo animador de pastoral, não como o executor de planos, mas como um articulador das forças vivas da sociedade a partir de um contexto situado.

c) Atenção aos novos cenários. Novos horizontes se descortinam e são inevitáveis. Como não ser "infidel aos pobres", sem perder de vista o desenvolvimento, o progresso, a informatização, o fenômeno da urbanização, a modernidade e as conquistas das ciências e da tecnologia?

AÇÃO PROFÉTICA E SAPIENCIAL

Diante destes desafios, a pastoral terá que ter presente a **dimensão profética**. É o reclame da presença pública mais decisiva da Igreja como sinal profético, principalmente junto aos excluídos, que se sentirão abraçados, assumidos, convocados, incorporados pela prática pastoral da Igreja. Mas, ao lado da profecia, a pastoral precisa exercer a Sabedoria, ser **sapiencial**, para lidar com o cotidiano no mundo dos excluídos, seu modo de vida, suas relações, cultura, religiosidade, festas, alegrias, dor, conflitos. A pastoral "sapiencial" indica que os excluídos não são só massas que lutam pela sobrevivência ou são vítimas, mas, urge percebê-los como uma riqueza, quer na organização, nos conhecimentos, na cultura, na criatividade, na sobrevivência, na ética, na dignidade.

Junto aos excluídos, a pastoral parte da solidariedade com a comunidade. "Em certas situações, pode manifestar-se numa longa presença silenciosa, em que o evangelizador partilha sofrimentos e alegrias, angústias e esperanças do povo e aprende a conhecer, assimilar e viver sua cultura..." (12) Compartilhar é sinal profético forte junto aos sofredores. A presença de qualidade faz história. Os longos ensinamentos cansam e são esquecidos.

As filhas e os filhos excluídos são os amados de Deus. O amor a Deus passa necessariamente pelo amor aos irmãos, especialmente aos mais necessitados. Isto nos leva a optar

por uma pastoral comprometida com a vida dos pobres. Sem este sinal profético, a Igreja perde a sua credibilidade e nega a identificação de Cristo com o rosto sofrido dos irmãos. Nesta perspectiva, a pastoral tem que ser humilde, andar com o povo e não dar somente respostas prontas a todos os problemas. O ato pastoral por excelência junto aos excluídos é antes de tudo dar confiança, reanimar e convocar, para o amanhecer.

NOTAS

(1) *Conclusões da Conferência de Puebla*, CELAM, 1979, n.24

(2) *"Juventude, caminho aberto"*, Campanha da Fraternidade, CNBB, 1992, p. 17

(3) *"Diretrizes 1991-1994"*, Estudos da CNBB, p. 111

(4) *"Que fizeste de teu irmão desabrigado?"* Documentos Pontifícios, n. 219, Pontifícia Comissão de Justiça e Paz, 1988, p. 11

(5) *"Sociedade Brasileira e desafios pastorais"*, Ed. Paulinas, 1990, p. 42

(6) MO SUNG, J., *"Quando nem todos são filhos de Deus"*, art. in *"Vida Pastoral"*, julho-agosto, 1994

(7) PERONI, C., *"A presença pública da Igreja aos desafios dos anos 90"*, mimeo, CNBB, 1994

(8) *Conclusões da Conferência de Puebla*, CELAM, 1979, p.31-39

(9) *Conclusões da Conferência de Santo Domingo*, CELAM, 1992, n. 178

(10) *Conclusões da Conferência de Medellín*, CELAM, 1968, n. 8.6

(11) *"Diretrizes 1991-1994"*, Estudos da CNBB, p. 115

(12) Texto-base do COMLA V, p. 40

BIBLIOGRAFIA

GUTIERREZ, G., *"A força histórica dos pobres"*, Ed. Vozes, 1981

PORTILLA, L. M., *"A conquista da América Latina vista pelos índios"*, Ed. Vozes, 1987

BOFF, L., *"Teologia do cativo e da libertação"*, Multinova, Lisboa, 1987

VV. AA., *"Vida, clamor e esperança"*, Ed. Loyola, 1992

Endereço do Autor:

Seminário Teológico de Tubarão
Caixa Postal 5073
88040-970 FLORIANOPOLIS, SC

Fraternidade e Excluídos

Os Excluídos do Útero

A Conferência Internacional do Cairo

Dom Orlando Brandes, Bispo de Joinville
ex-Professor de Teologia Moral no ITESC

Realizou-se entre os dias 5 e 13 de setembro p.p. na cidade do Cairo, a Terceira Conferência Mundial sobre "População e Desenvolvimento", promovida pela ONU. Desde 1974, os Estados Unidos iniciaram uma campanha mundial para diminuir a população em vista da segurança nacional e do crescimento econômico. Tal fato consta no conhecido "Relatório Kissinger". Dessa época em diante, de 10 em 10 anos acontecem as "Conferências Mundiais" sobre a população.

Nesse mesmo ano de 1974, a ONU promoveu em Bucareste a Primeira Conferência, cujo objetivo era controlar a população, os nascimentos, especialmente nos países pobres. Em Bucareste, os países socialistas e os do Terceiro

Mundo defenderam a famosa tese ainda hoje muito citada: "Queremos o controle da Justiça e não só o da Natalidade!" Esta mesma filosofia o Papa Paulo VI havia defendido na sua visita à ONU em 1965: "Vossa tarefa consiste em conseguir que o pão seja suficiente na mesa da humanidade e não em fomentar o controle artificial dos nascimentos, com a finalidade de diminuir o número dos comensais do banquete da Vida."

Dez anos depois, em 1984, na cidade do México, realizou-se a Segunda Conferência Mundial sobre a população. Desta vez a pressão sobre os governos foi muito grande para que envidassem todos os esforços em vista do controle da natalidade. Como era de esperar, apareceram pressões e políticas anti-natalistas de todos os lados. Em 1992, com a "ECO - 92", na cidade do Rio de Janeiro, o peso dos argu-